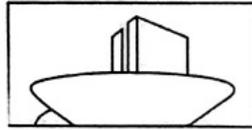


Brasil



**CONSULTORIA  
LEGISLATIVA**

**TIPO DE TRABALHO:** OUTROS PRONUNCIAMENTOS

**SOLICITANTE:** Deputado ÁTILA LINS

**EVENTO:** Pronunciamento na 143<sup>a</sup> Assembleia da União Interparlamentar – UIP –, em Madri, Espanha.

**AUTORA:** Mariana Barros Barreiras  
Consultora Legislativa da Área XX  
Redação e Discurso Parlamentar

**NOVEMBRO DE 2021**

O Sr. **ÁTILA LINS** (PP-AM) pronuncia o seguinte discurso: Senhoras e Senhores, como presidente do Grupo de Representantes Brasileiros na União Interparlamentar, quero iniciar parabenizando a entidade pela escolha do tema “Desafios para a Democracia”, que sintetiza a centralidade, para os parlamentos de todo o mundo, de pautas relativas à erosão da representação política.

Vivemos tempos em que um dos principais obstáculos para o jogo democrático é a polarização política. Extremos ideológicos disputam a atenção do público e cindem a sociedade em duas partes, antagônicas e beligerantes.

As diferenças entre as pessoas se exacerbam a tal ponto que parece já não haver, entre elas, qualquer denominador comum. Quem pensa diferente é inimigo a ser calado a qualquer custo, como se fosse possível, ao cercear a voz de alguém, preservar sua cidadania. A incivilidade dos embates dilapida o reconhecimento pleno

da dignidade, que não pode jamais faltar em um encontro verdadeiramente humano.

Mas a polarização, de tão contundente, não é apenas política. Adentra as salas das casas, aborrece parentes à mesa do jantar e segrega amigos, nos encontros presenciais e nas redes sociais. As *fake news* são convidadas ilustres dessa dinâmica perversa, e têm o poder de aprofundar ainda mais uma fissura social que já dói em todos nós.

As lições da história não deixam dúvidas: polarização caminha lado a lado com intolerância; com insatisfação social; e com a quebra da confiança da população nas instituições, nos partidos políticos e no jogo republicano. Chega-se, então, ao paradoxo do mundo radicalizado: por tudo politizar, com apego aos extremos, ele se torna um teatro antipolítico, em que a tônica é uma descrença generalizada na via democrática para a construção de consensos e soluções para os problemas sociais.

A radicalização, Senhoras e Senhores, flerta, portanto, a todo tempo com a morte da democracia e é papel dos parlamentos trabalhar na reconstrução do tecido social de pleno respeito às diferenças.

País superlativo por definição, o Brasil viu a pandemia de Covid-19 tomar proporções assustadoras, ceifando, até o momento, mais de 600 mil vidas e desestabilizando de maneira aguda a economia. A polarização, mais uma vez, se fez presente, politizando discussões que não poderiam jamais ter se descolado de evidências puramente científicas.

O Parlamento brasileiro agiu rápido. Ignorou as ideologias e pensou na fome dos milhares que, de repente, não podiam mais ir trabalhar. Prontamente aprovou um auxílio emergencial, em forma de recursos financeiros mensais, para as famílias vulneráveis. Não sabemos matar o vírus, mas temos ciência de que a fome e o desemprego podem ser ainda mais contagiosos e letais.

É essa, Senhoras e Senhores, a maneira como os parlamentos devem agir em tempos de crise partidarizada pela radicalização de discursos: com ação firme, sobretudo direcionada aos grupos mais vulneráveis. A parcela mais carente da sociedade não pode correr o risco de ver a proteção social ser ofuscada por debates extremistas que, além de não resolverem as penúrias humanas, conseguem aprofundar o afastamento entre eleitores e classe política.

Além disso, é urgente que os Parlamentos falem a linguagem dos jovens, escutando com atenção suas demandas e respondendo a elas com medidas que resgatem neles a crença na política como fortaleza da cidadania, do diálogo respeitoso e de conquistas civilizatórias.

Reafirmo, aqui, o compromisso de colocar o meu mandato a serviço do enfrentamento dos principais desafios contemporâneos para a democracia, que não são poucos. Seguirei envidando esforços para que diretrizes de fortalecimento da representação política e de resgate da

confiança nos sistemas políticos sejam a bússola do Parlamento brasileiro, especialmente no que diz respeito à parcela mais vulnerável da população e aos jovens, sem os quais não há qualquer dimensão de equidade e futuro.

A intensificação da rivalidade política obstrui os anseios democráticos e nós, parlamentares, não podemos simbolizar antinomias insolúveis e paralisantes, mas sim cooperações produtivas e eficientes rumo a um futuro mais justo e inclusivo. Insto meus colegas parlamentares a ecoarem a percepção de que a luz amarela mundial da radicalização e da intolerância está acesa e de que cabe a nós transformá-la num sinal verde, que dê passagem à gentileza, ao entendimento e às conquistas irrevogáveis da democracia.

Muito obrigado.